

## **O NOSSO POVO FALA – APRESENTAÇÃO DE CALUNDUZANDO A ACADEMIA: 5 ANOS DA REVISTA CALUNDU**

Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras<sup>1</sup>

DOI 10.26512/revistacalundu.v5i1.38726

Há cerca de cinco anos o Calundu – Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras iniciava, com muita garra e gana, um de seus projetos mais bonitos e bem-sucedidos: a Revista Calundu. Tratava-se de publicação totalmente inovadora e inédita àquele momento. Não se tinha notícia – ainda não se tem – de nenhuma outra revista acadêmica editada por afroreligiosas/os de diferentes casas, tradições e vertentes, e que fosse especializada na publicação de textos sobre nossos Calundus de todos os tempos, escritos pelo nosso povo e por pesquisadoras/es interessadas/os.

*Gira Epistemológica* foi o primeiro número publicado. Trazia uma coletânea de textos do próprio grupo, escritos com muito carinho e trabalho, a partir de inúmeras e longas reuniões realizadas à noite, em salas cedidas pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília. Reuniões de um grupo que se reunia para debater textos e vencer coletivamente angústias que se repetiam em pesquisas individuais, sobre temas da afroreligiosidade brasileira e seus estudos. Como tópicos específicos abordados pelos artigos daquele número, despontavam textos sobre tradição, mulheres de terreiro e racismo religioso, em que afroreligiosas/os – ademais de escrever – participavam como sujeitos e não objeto. Sinédoque, portanto, dos pilares que ainda hoje marcam o trabalho do grupo Calundu. Aliás, a gira, cabe dizer, é o terreiro se tornar o sujeito pesquisador. É o que nós somos e representamos mais singularmente.

Sem sabermos do tamanho da porta que abríamos, colocamos a gira epistemológica para girar. E, em nossas redes sociais, aquele número da revista recebeu milhares de curtidas, advindas de dezenas de milhares de visualizações. Recebeu críticas

---

<sup>1</sup> O grupo Calundu é vinculado à Universidade de Brasília. É formado, em ordem alfabética, por Adélia Mathias, Andréa Carvalho Guimarães, Ariadne Moreira Basílio de Oliveira, Aisha – Angéle Leandro Diéne, Clara Jane Costa Adad, Danielle de Cássia Afonso Ramos, Francisco Phelipe Cunha Paz, Gerlaine Martini, Guilherme Dantas Nogueira, Hans Carrillo Guach, Iyaromi Feitosa Ahualli, Manuel Jesus Guerra Sepúlveda Neto, Maria Marcelina Cardoso Teixeira Azevedo e Nathália Vince Esgalha Fernandes. E-mail: [calunduzeiros@gmail.com](mailto:calunduzeiros@gmail.com).

fortes também, como bem faz parte de qualquer processo. E, sobretudo, recebeu apoio. Muito apoio e de muita gente. Gente interessada nos textos porque queria material para suas pesquisas e gente interessada porque se reconhecia naquele trabalho também. E com todo *ngunzo/axé* que recebemos com aquela publicação, o projeto se fortaleceu.

A gira aberta com aquele primeiro número deu forças ao segundo, *Gira em Expansão*. Outra vez dedicamos o dossiê a publicar textos nossos, dessa vez escritos junto a convidadas/os que amorosamente nos apoiavam – afinal, a revista só começava e seria muita pretensão esperar que tivéssemos submissões externas. Outra vez tivemos milhares de curtidas e muita interação com muita gente bacana, que seguiu nos dando força a expandir esse projeto.

*Discriminação, Intolerância e Racismo Religioso* foi o tema e título do número seguinte, o primeiro do segundo ano e o primeiro a receber textos externos. Essa temática reúne amplo interesse e alguns dos textos mais lidos da revista, em todos os tempos, foram publicados naquele dossiê. O assunto, ademais, ensejava à época do dossiê debates junto ao Supremo Tribunal Federal e ousamos enviá-lo às/aos Ministras/os daquela instituição. Não sabemos se os textos foram lidos e isso foge à nossa agência. Não obstante, a Revista Calundu existe para dialogar com a sociedade e subsidiar debates que, para o nosso povo, são também sobre justiça. É nosso papel, amparadas/os pelas forças da natureza, propor um debate ético e construtivo sobre os Calundus, seja com o nosso povo, com outros povos, com elites dominantes ou, dentre outros, com o próprio Estado.

Esse amplo debate seguiu sendo proposto em *Pluralidade Afrorreligiosa*, que foi um dossiê pensado para falar sobre as várias religiões afro-brasileiras existentes. Sobre os vários Calundus, de todos os tempos. Irmãs a essas, sobre outras religiões afro-diaspóricas, de outros cantos do continente americano, como Cuba. Religiões afro-brasileiras são, finalmente, parte da ampla irmandade e das expressões negras afro-latino-americanas. Esse dossiê, cabe dizer, foi o primeiro totalmente editado por meio do sistema da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, que acolheu nossa revista e vem nos apoiando em nossa caminhada editorial, que segue sendo um aprendizado contínuo.

*(Re)Existência* e *(Re)Existência que continua*, os dois dossiês seguintes, preencheram um ano inteiro – o terceiro da revista – com a temática da potência calunduzeira do Brasil, que não cede ao tempo. O número seguiu os passos já trilhados pelo periódico, de reverenciar o amplo universo afrorreligioso e mostrar que esse resiste e (re)existe continuamente nesse lado de cá do mundo, mesmo em contexto tão adverso.

No quarto ano, finalmente, o ano de 2020, atravessado pelo isolamento social, foi a força das mães de santo que potencializou nossa gira. O dossiê *Mães de Santo e Mulheres de Terreiro*, o primeiro do ano, além de muito badalado, foi um dos mais bonitos até hoje publicados. Dentre vários artigos e textos livres recebidos, que formaram uma fila enorme de trabalhos a serem avaliados, recebemos inúmeras homenagens de filhas a suas zeladoras, em uma linda mostra do amor que sempre embalou todos os Calundus. Além disso, foi naquele dossiê que lançamos nossa primeira seção especial, em que o feminismo dialogou com uma mãe de santo e outras mulheres de sua casa.

A submissão contínua, mecanismo por meio do qual recebemos textos que não são direcionados a um dossiê em específico, trouxe ótimos artigos à mais recente *Gira Epistemológica*, publicada no semestre passado. Esse que foi o maior dossiê em números de textos publicados e dialogou com um tema muito atual (e perene): *ciência das macumbas e outras encantarias*. As filosofias dos terreiros fizeram um desfile de gala por nossa revista, nos enchendo de orgulho, de boas leituras e de ideias.

Toda essa história nos traz ao presente dossiê, em que abrimos as comemorações dos cinco anos da Revista Calundu. Esse número, que foi preparado a partir de bons artigos científicos que nos foram confiados via submissão contínua, é aberto em um diálogo com Exu – como não podia deixar de ser –, trazido por nossa convidada Maria Helena Raimundo. Em seu trabalho *Violência e Vingança: Exu na engrenagem dos ataques contra as religiosidades de matriz africana* a autora conversa sobre o histórico e estrutural racismo no Brasil, debatendo a violência contra afroreligiosidade neste país, pela concepção de Exu e a maneira como sua manipulação articula a noção católica de demônio como estratégia de sobrevivência de africanas/os e suas/seus descendentes escravizadas/os.

Renata Mocelin Penachio é a autora do segundo texto, *A Autotradução de São Benedito*, em que busca avaliar, por meio da noção de Tradução-Exu, a imagem construída do santo católico Benedito, em seus espaços rituais. Assim, trabalha a Tradução-Exu como ferramenta em um debate “simbólico” e “metamórfico”. Em sua argumentação, nos mostra como a figura de Exu é articulada, como autotradução, na imagem do próprio São Benedito, em um potente e interessante diálogo/pensamento de encruzilhada.

Ronan da Silva Parreira Gaia e Alice da Silva Vitória são o/a autor/a do terceiro texto, *Orixás, Nkises e Voduns: as nomenclaturas e etnias dos sagrados nos Candomblés*

*Ketu, Bantu e Jeje*. O texto é de acentuado interesse para o debate entre semelhanças e diferenças de tradições dos Candomblés, Tambores, Batuques e outras das religiões afro-brasileiras centradas no culto às divindades africanas/afro-diaspóricas. Mostra que, apesar das semelhanças, a diáspora não foi capaz de apagar as diferenças entre povos africanos trazidos escravizados ao Brasil.

O quarto artigo, *Do Mutue à Consciência Negra: a mutuerização na constituição de sujeitos afrodiaspóricos nos terreiros de Candomblé*, de autoria de Ângelo Luiz Barbosa Imbiriba, se utiliza do muito atual debate de necropolítica, do filósofo Achille Mbembe, em uma leitura brasileira, para debater as noções de pessoa e sujeito, como ideologia de valores civilizatórios africanos organizados nos Candomblés. Consciência negra, afro-centrismo e colonialidade, ancestralidade e política figuram nos interessantes debates de seu trabalho.

Finalmente, a seção de artigos se encerra com Jonas França e seu trabalho *Reflexões sobre Humanidade e Universalidade nos Estudos dos Direitos Humanos a partir de Bunseki Fu-Kiau*. Construído a partir da filosofia e do cosmograma Bakongo explanado por Bunseki Fu-Kiau, e em diálogo com vários outros, o texto passa por discussões sobre os Direitos Humanos e seus fundamentos. Trabalha, com isso, a Filosofia do Direito e do Constitucionalismo, articulando noções de humanidade e universalidade, justiça e pessoalidade.

Os debates deste número da Revista Calundu seguem por uma seção especial, que busca mostrar um pouco do trabalho de pesquisa das/dos calundzeiras/os que integram o nosso grupo, a partir da publicação dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado que cada um de nós defendeu. Para que não nos falte com justiça, cabe dizer que o trabalho das e dos integrantes – que são todas/os as/os autoras/es deste texto de apresentação, assinado coletivamente – vai muito além da pequena mostra de sete resumos aqui trazida. Passa por debates de religiões afro, mas também de migração, racismo, literatura negra, história, educação, sociedades na latino-américa e outros vários, que tecem diálogos no campo das Ciências Humanas, de maneira interdisciplinar. Apresentamos aqui os resumos dos trabalhos no campo editorial de nossa revista, que são as religiões afro-brasileiras. E, em um percurso que começa com uma tese defendida em 2007 e chega até uma dissertação defendida agora, em 2021, mostramos que o nosso trabalho foi coletivamente influenciado por pesquisas que já vem desde anos, e segue apoiando a construção de outras pesquisas nos dias de hoje.

Para todas e todos nós é um orgulho sermos calundzeiras/os. Sermos partes dessa construção viva, maior que todos nós, de um grupo de estudos, em um campo de debates e pesquisas vivo, intenso, amplo e muito afetuoso. Seguimos neste trabalho pois é nosso povo que nos apoia e fala junto conosco. Seguimos, porque calarmo-nos e calarmos, muito além de nossas palavras, nossas expressões, crenças, tradições, herança e riqueza cultural como povo, desde os primeiros Calundus coloniais, nunca foi uma opção. A Revista Calundu é um cavalo desse espírito, muito maior, que habita em todos nós. Assim o seguirá sendo, por muitos anos mais.

Brasília, 20 de junho de 2021.